



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Geração e Sexualidade

Sub-Eixo: Ênfase em Geração

MEMÓRIAS DE IDOSOS: EXPERIÊNCIAS DE VIDA CAPTADAS EM AÇÕES EXTENSIONISTAS EM BREVES/MARAJÓ-PA

Ana Maria Smith Santos¹
Rodolfo Cunha Barbosa²

Resumo: O texto resulta da experiência realizada num projeto de extensão com idosos marajoaras, refletindo sobre o envelhecimento e memórias vividas na cidade. Os dados foram obtidos no espaço do Campus de Breves/UFGA e a partir da tese de doutorado escrita por um dos autores. As narrativas apontam histórias com: exclusão material, dificuldades de acesso à educação formal e senso de luta contra reveses.

Palavras-Chave: memórias, narrativas de idosos, envelhecimento.

Abstract: This text results from a experience realized in a extension project with seniors from Marajó, reflecting about the aging and memories lived in the city. The data was get in the space of UFGA's Breves Campus and from the doctoral thesis of one of the authors. The narratives point to stories with: material exclusion, difficulties in formal education access and sense of fight against setbacks.

Keywords: memories; senior's narratives; aging.

1 Introdução:

A experiência a ser relatada deriva do Projeto de Extensão intitulado “Memórias de Idosos: oralidade, cinema e fotografia na interface com o direito ao envelhecimento” que surgiu a partir da pesquisa de tese defendida em fevereiro do corrente ano. Antes da elaboração do projeto de extensão a docente responsável realizou uma pesquisa de tese pautada na História Oral e na Etnografia de 10 mulheres idosas residentes no núcleo urbano de Breves. As impressões deste texto estarão fundamentadas tanto no acúmulo de informações adquiridas pela pesquisa de tese, quanto pelas atividades desenvolvidas no projeto de extensão supracitado que conta com o apoio de um bolsista de extensão.

Na pesquisa de tese e nas atividades extensionistas foi possível identificar que, além da notória exclusão material presente em suas histórias, foram observadas suas dificuldades de acessar a educação quando jovens, além de terem sofrido a exploração da mão de obra quando adolescentes, bem como ocorreram relatos de pessoas que tiveram que viver enfrentando dificuldades em acessar água para consumo diário.

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, E-mail: anasmiths@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Universidade Federal do Pará, E-mail: anasmiths@gmail.com.

A saber, este texto está dividido em três itens principais. O primeiro traz alguns apontamentos sobre o envelhecimento no Brasil, enfatizando desde o interesse por estudar a temática até o conceito debatido por alguns autores nas ciências humanas e sociais com destaque para certos aspectos referentes aos direitos de pessoas idosas. O segundo item apresentará a metodologia do projeto de extensão, incluindo os objetivos pelos quais pretende alcançar no decorrer de sua realização. O terceiro item centrará reflexões nas atividades desenvolvidas junto aos idosos e nas narrativas selecionadas nesses momentos.

2 Envelhecimento no Brasil: alguns apontamentos

A pessoa idosa no Brasil tem recebido um tratamento que está aquém dos seus direitos e necessidades. Pessoas com essa idade costumam ser vistas como um estorvo por segmentos da sociedade acostumados a valorizar tudo que representa vitalidade e juventude.

No contexto da defesa da reforma da previdência fortalecido com a posse do presidente eleito em 2018 sabe-se que os idosos dependentes do Benefício de Prestação Continuada – BPC serão atingidos com a redução do valor do benefício. Em matéria publicada no site do Senado, foi divulgado que o plano do Governo Federal é de conceder um salário mínimo do BPC apenas para os idosos de 70 anos, os que possuem 65 ou mais só receberão 400,00³.

Junto a isso assiste-se às opiniões da sociedade brasileira dividida entre os defensores de um pagamento digno aos beneficiários e aqueles que, embalados pelo menosprezo aos idosos, se utilizam deste argumento para encampar a proposta do Governo Federal e se apoiam na concepção de que os aposentados só trazem ônus à previdência.

Haddad (2016) aponta que na década de 1970 ainda era incipiente a produção sobre a velhice no Brasil o que a fez procurar estudar sobre o tema “ideologia da velhice”. Em sua obra faz um alerta sobre a reforma da previdência:

Os recursos arrecadados poderiam, isso sim, ser aplicados para melhorar as condições de vida dos aposentados e pensionistas subsidiados pelo Estado. Mas a política neoliberal impede quaisquer acréscimos que as classes trabalhadoras e outros grupos subalternos possam obter (HADDAD, 2016, p. 45)

³ Conferir: “www12.senado.leg.br/noticias/matérias/2019/05/09/bpc-e-eum-dos-pontos-polemicos-da-reforma-da-previdencia”.

Suas palavras evidenciam um desinteresse do Governo Federal quanto à garantia dos direitos dos trabalhadores, seguindo essa lógica de exclusão é que os aposentados e pensionistas são cada vez mais alvo de cortes dos seus proventos.

Na sociedade brasileira, há muitos estigmas sobre o envelhecer, por esta razão, falar e estudar envelhecimento nas ciências humanas e sociais é um fenômeno recente no Brasil, como diz Haddad.

Peixoto (2000), por sua vez, trouxe uma análise extraída de sua tese de doutorado em antropologia na coletânea *Velhice ou Terceira Idade?*, organizada por Barros (2000). No seu artigo, Peixoto debate os “estigmas e compaixão” tratados no que ela denomina como formulações públicas em torno dos termos: velho, velhote, idoso e terceira idade. Para isso, investigou as representações sociais na sociedade francesa e brasileira.

Partindo de seu estudo, compreende: “o objeto velhice só entrou na cena brasileira há bem pouco tempo. Ainda que existam outros termos classificatórios para a velhice no uso corrente, o termo que designava, até essa época, a pessoa envelhecida e sobretudo ‘velho’” (PEIXOTO 2000, p. 77).

E continua, no Brasil o termo velho, inicialmente não se via de forma negativa, como percebeu na sociedade francesa. Citou o texto do Instituto Nacional de Previdência Social brasileiro datado da década de 1960 que não continha nenhum viés pejorativo, porém neste documento ainda não havia a previsão de assistência para esta faixa etária.

O termo idoso apareceu nos documentos oficiais brasileiros e, em boa parte das análises a respeito da velhice, no final da década de 1960 devido a influência francesa. A autora faz lembrar que este termo já era integrante do vocabulário brasileiro, porém antes da influência europeia não era muito empregado nos documentos oficiais. A partir de então a diferenciação entre os dois termos ficou mais evidente.

Peixoto reitera: “velho e idoso podem se confundir, mas idoso marca um tratamento mais respeitoso, como *personne âgée* praticado na França” (2000, p. 78). Haverá uma mudança no tratamento destes conceitos no âmbito das pesquisas antropológicas e sociológicas, segundo a autora.

Em vista disso, pode-se perceber o tratamento destinado ao assunto de envelhecimento na nossa sociedade, que quase sempre não é foco das atenções dos gestores dos serviços públicos. Além disto, nos dias atuais, há poucas propostas de escuta das narrativas destes sujeitos.

3. O Projeto de Extensão: Metodologia de Trabalho

O projeto de extensão iniciou em março de 2019, o *locus* é o Campus Marajó/Breves da UFPA. Os participantes do Projeto são os idosos atendidos por dois CRAS do município, localizados em bairros de periferia e por um Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – CCFV. O objetivo geral do Projeto é: “desenvolver ações de registro e reflexões sobre a memória dos idosos participantes dos CRAS, considerando suas demandas na garantia do direito ao envelhecimento”. Além do mais, outra intenção é de “promover ações extensionistas” a fim de que o discente selecionado para a bolsa de extensão possa ter uma formação integradora entre ensino, pesquisa e extensão.

Chauí no prefácio da obra de Bosi (1994) aponta a tese da autora:

O velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele”. Esta, acredito, é a sua tese, Ecléa. Por que temos que lutar pelos velhos? Porque são a fonte de onde jorra a essência de sua cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois como escrevera Benjamim, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado (CHAUÍ, 1994, p. 18).

A interpretação de Chauí quanto à tese de Bosi diz respeito à importância dada em atribuir um sentido de luta ao legado que os idosos nos trazem, para isso a sociedade deve dar o retorno contribuindo com a sua valorização. E continua:

Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar, de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida em que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor (Chauí, 1994: 18-19).

Pensando o uso da memória como ponto de apoio para a valorização do envelhecimento a inspiração para esta proposta extensionista veio de Bosi (1994, p. 39):

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. (...) Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutar infinito.

Esse escutar, quando é proporcionado ao idoso, torna-se significativo para suas vidas, pois notamos em nossas atividades que Bosi estava certa quando diz que: “lembrança puxa lembrança”. Os idosos marajoaras relataram suas experiências sem hesitar, com isso fomos agraciados com riquíssimos saberes de pessoas que viveram

adversidades, mas conseguiram chegar aos dias de hoje travando lutas em prol da sobrevivência.

Portelli (1996), outro autor de referência sobre História Oral, considera que no uso da entrevista: “a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar” (Portelli 1996: 2), isso significa que não cabe somente ao entrevistador fazer as escolhas do que ele considera como necessário na pesquisa, ou em ações de intervenção, pois o próprio interlocutor possui escolhas e decide sobre o que narrar.

Outra inspiração vem de uma autora de Serviço Social, que com base na pesquisa qualitativa, tem incentivado novas formas de atuação profissional, como quando procura produzir uma relação com o seu sujeito pesquisado que, segundo Martinelli (1999), deve-se privilegiar “**o contato direto com o sujeito da pesquisa**. Trata-se, portanto, de outra ambiência, onde vamos privilegiar instrumentos que superam o questionário, o formulário e que vão incidir mais na narrativa oral, na oralidade” (MARTINELLI, 1999, p. 22). Grifos da autora.

Com a aprovação do Projeto pela Pró-Reitoria de Extensão da UFPA, foi necessário retornar às instituições após a defesa de tese para iniciarmos as atividades. Como os idosos já conheciam a docente devido sua pesquisa de doutoramento, a inserção em campo foi com mais facilidade. Foi necessário apresentar inicialmente o bolsista de extensão a fim de iniciar a sociabilidade com os idosos. Por isso, precisamos realizar visitas às instituições municipais antes mesmo de começar as atividades na Universidade.

Após esse processo, organizamos duas tardes de cinema e mostra de fotografias antigas da cidade com os idosos, uma no mês de maio e outra em junho⁴. A metodologia do projeto está pautada na História Oral e Observação a fim de contribuir com a captação das narrativas e a interpretação das informações nelas contidas. Assim, organizamos momentos na universidade para receber os idosos e ouvi-los por meio de exibição de vídeos e fotografias como um estímulo ao debate de diversos temas com os idosos.

O intuito destas atividades foi trabalhar com o conceito de memória com este público alvo. Os dois momentos foram singulares, os idosos sentiram-se à vontade para relatar suas trajetórias e partes que consideraram marcantes em suas vidas. Estes relatos serão apresentados no item a seguir.

4. A Escuta Sensível de Narrativas: o direito à memória em pauta

⁴ O Projeto tem como metodologia realizar mensalmente, em cada grupo de idosos das três instituições, oficinas de fotografia e tardes de cinema até março de 2020.

A metodologia de trabalho empregada com os idosos permitiu que colhêssemos narrativas durante a atividade de cinema e apresentação de fotografias da cidade, foram ações em formato de oficina que contaram com a participação de 50 idosos no total.

Os momentos em que os diálogos fluíram sucederam-se na sessão de exibição de fotos antigas da cidade de Breves, mais precisamente, foram selecionadas imagens produzidas entre as décadas de 30 a final de 90 do século passado⁵. Ao serem exibidas as fotografias, os relatos foram dando o tom da atividade nas memórias que surgiam dos idosos.

Este momento, onde as memórias começaram a ser reconstruídas e vieram à tona por meio da oralidade, talvez tenha sido o ponto alto das tardes de cinema. Nessa parte, conseguimos vislumbrar o que tínhamos enquanto objetivo para estas atividades, deixando-os à vontade e introduzi-los num trabalho de reconstrução de suas memórias.

Durante esta sessão, eram despertadas nos idosos as lembranças, e sobressaía a vontade de relatar, conversar e contar as experiências de vida que os ligavam àquelas imagens, lugares e contextos. Quanto mais ouviam dos outros, mais se sentiam estimulados a expor suas lembranças. Assim foi com o S. Nonato⁶: (2019)

Muitas pessoas conheceram a indústria de borracha que a gente tinha em Corcovado. Eu era criança e conheci essa indústria. Então, a decadência foi acabando. O pessoal já procurava outras coisas para fazer. Não queriam mais a extração de seringa, que eles tinham. Arroz... *era* essas as coisas que existiam aqui no município de Breves, e hoje não tem. A mesma coisa aconteceu no tempo da Bisa, que foi se acabando. Nós tivemos também [...] - eu falo também porque eu trabalhei muito tempo no Corcovado - um grupo da Indústria de beneficiamento de madeiras, a maior daqui da região do Baixo Amazonas. E hoje, se você ver o nosso Corcovado, - porque é minha terra - ...eu choro quando eu vou lá, de ver a decadência; o que acabou por lá. Eu acho que foi falta dos governantes, também; e todos nós, porque se você tem uma planta e você não cuida, ela vai morrer. O que eu entendo é isso.

Neste relato, S. Nonato expõe sobre sua lembrança quanto à principal fábrica de madeira instalada no município, bem como refere-se às vilas próximas do núcleo urbano de Breves que foram constituídas no auge da extração da madeira e que hoje representam um legado de total abandono.

⁵ As imagens foram extraídas da obra de: LEÃO, Dione do S. de S. 2009. **Revivendo Nossa História: um Estudo Sobre os Bairros de Breves-PA**. Belém: Poligráfica Serviços Ltda.

⁶ Para preservar a identidade dos idosos vamos colocar nomes fictícios para representar cada pessoa citada.

No caso de Breves sua história é marcada por longos processos exploratórios de suas riquezas naturais, a exemplo da exploração madeireira que se deu a partir da década de 1960. Conforme Veríssimo e Lentini (2002, p. 74), o que é denominado de “zona do estuário e baixo Amazonas” foi responsável “por 12% da produção de madeira em tora do Pará”, onde está inserido o município de Breves. Tal região é amplamente coberta por florestas de várzea, na qual: “A exploração seletiva vem ocorrendo desde o século XVII (Rankin 1985), mas foi somente a partir da década de 1960 que a produção madeireira dessa região passou a ser significativa” (VERÍSSIMO e LENTINI, 2002, p. 23).

O período da decadência inicia-se a partir da década de 1990, porém em 2000, com as criações das Reservas Extrativistas as grandes madeiras vão gradativamente fechando suas portas devido a não acompanharem as recomendações de preservação ambiental e, portanto, precisam deixar de explorar em larga escala tal recurso. No imaginário da população, os tempos áureos de trabalho e de crescimento das vilas marcam suas vidas, como bem retrata S. Nonato.

Ao mostrarmos as fotos do Grupo Escolar Lauro Sodré (1942), da Escola de ensino Fundamental Lauro Sodré na década de 1970; da Escola de Ensino Fundamental Santo Agostinho na década de 1950 e da Escola de Ensino Fundamental Emerentina Moreira de Souza na década de 1970 surgiram os seguintes depoimentos:

Eu lembro que minhas irmãs vinham de Corcovado. Naquele tempo não existia... ginásio. Era só aqui no Miguel Bitar. E eles vinham, com o Professor Wanderley Castro... mas os jovens que eram da época dele, meus irmãos; todos vinham de canoa. Saíam cinco da manhã, para chegar aqui no porto do trapiche municipal seis e meia, para entrar sete horas na escola. E eles voltavam, quando saía, 12 horas remando, até chegar no Corcovado. E eles vinham e voltavam de remo, porque não existia; era só no Miguel Bitar (D. EULÁLIA)

Mostrando ainda pouco o prédio Lauro Sodré, puxa, pelo amor de Deus! Eu estudei nessa escola e saí em 1964. Eu tive que trabalhar para manter a minha vida em dia. Não tinha quem me desse o pão. Eu tinha, se não me engano, 14 ou 15 [anos]. Eu cancelei minha matrícula, abracei minha professora, chorei... e saí de porta afora... nunca mais voltei... [emociona-se] ... mostrar isso aí é fora de série. Muito obrigado. (S. NONATO, 2019)

Nessa época que ele está falando, não era o Lauro Sodré próximo ao Rossilda [outra escola local]. Era lá onde hoje é a Junta [Serviço Militar]. Lá, era a escola a qual ele sente tanta saudade. E eu me lembro do Santo Agostinho, que, desde sete anos, eu entrei para o Santo Agostinho, para estudar. Saí do Santo Agostinho com 14 anos e passei para o Miguel Bitar, e eu sinto um carinho imenso por essa escola, até porque não fui só eu que passei por lá. Os meus filhos todos já passaram também. Obrigada. (D. VÍVIAN, 2019)

Nos três relatos evidencia-se uma nostalgia dos tempos em que estudavam nos conhecidos grupos escolares, ao mesmo tempo, é o reflexo das representações de esperanças que possuíam sobre o ensino formal, bem como as dificuldades de acessar esses espaços que iam desde a necessidade de trabalhar na adolescência, assim como pelo trajeto que percorriam para chegar na escola. No caso dos ribeirinhos, esse percurso era mais longo devido a não ter escola em suas localidades e, por isso, necessitavam das canoas para se locomoverem até a cidade.

É importante lembrar que mesmo tendo melhoras nos índices educacionais em Breves atualmente, ainda assim, encontramos famílias ribeirinhas as quais necessitam migrar para o núcleo urbano a fim de proporcionar aos filhos o acesso à educação.

Quando mostramos as fotos do Hospital municipal de Breves, um relato significativo da D. Eneida descreveu o difícil acesso à água, bem como a situação de exploração de sua mão de obra desde os 11 anos:

Eu era empregada na casa do pai do [antigo prefeito na época], do Valente⁷. Eu era ama do filho dele. Aí, nós vínhamos buscar água aqui na frente do hospital velho. Aí, tinha outros moradores, tinha a outra rua. Quando dava nove horas eu fazia merenda para o Valente e eu vinha trazer aqui. Todo dia, nós vínhamos buscar água aqui na frente. Era só uma torneira que tinha. Aqui [apontando à foto], era em fileira de baldes. Aqui saía muita confusão do pessoal por causa de água... um botava o balde, outro tirava... aí, eu tinha onze anos. Às vezes, quando eu terminava do trabalho, eu me lembrava da água, aí, a Vita, nós trabalhava só numa casa, eu era babá e ela trabalhava na casa (...) Eu me lembro bem desse hospital... da Bisa, que eu vi, ainda... aí, dos outros eu não lembro mais (D. ENEIDA, 2019)

D. Eneida toca em duas questões: a primeira diz respeito à exclusão histórica no município quanto ao acesso à água; a segunda é sobre a sua história que nos faz refletir sobre os processos de exploração que muitas meninas brasileiras passam ao serem absorvidas em casa de família como mão de obra barata, principalmente por serem de descendência negra.

Sabóia (2000) na introdução do seu texto: “As Meninas Empregadas Domésticas: Uma Caracterização Socioeconômica” apoiada pelos dados do Relatório das Nações Unidas de 1997, afirma:

No mundo todo, milhões de crianças trabalham na obscuridade de casas fechadas, como empregadas domésticas. O trabalho doméstico é uma das formas de exploração mais difundidas e menos pesquisadas, envolvendo

⁷ Para preservar o sigilo, este também é um nome fictício.

muitos riscos para as crianças. De cada dez, nove são meninas, presas em um ciclo de tarefas extenuantes, praticamente, em regime de escravidão. Há crianças trabalhando como domésticas na África, na Ásia, na América Latina, no Oriente Médio e em regiões do sul da Europa. (SABOIA, 2000, p. 3)

Um quadro nacional e internacional que tem perdurado por longos anos, apoiado pela naturalização da ideia de que à mulher cabe o trabalho no lar, de tal modo as meninas são ensinadas a darem continuidade aos serviços domésticos, são condicionadas a aprenderem inúmeras tarefas desde cedo, bem como são conformadas a agirem de forma a subordinar-se, principalmente quando moram no lar em que trabalham.

Na trajetória de D. Eneida há também um fator a se analisar, quando assumiu um trabalho quando criança. Sobre esta questão o Instituto Géledes da Mulher Negra aponta em matéria elaborada por Ribeiro (2017, s/n):

De acordo com o estudo Trabalho Infantil e o Trabalho Infantil Doméstico no Brasil, do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), em 2013, das 3,187 milhões de crianças em situação de trabalho infantil, 1,99 milhão (62,5%) são negras. O estado de Roraima concentra o maior percentual de crianças negras trabalhando, o equivalente a 92,3%.

Ao trazer esses dados a autora cita a entrevista feita com Douglas Belchior⁸ e assinala uma íntima relação entre a exploração da mão de obra infantil negra e feminina como consequência e resquícios de um sistema escravocrata, no qual explorou por longos 400 anos a mão de obra das negras e negros, bem como das meninas e meninos negros.

5 Considerações Finais:

As palavras finais deste artigo não têm a intenção de serem conclusivas, elas trazem o escopo de marcar as atividades iniciais de um Projeto de Extensão que intencionam debater o envelhecimento por meio da valorização de suas memórias. Junto a isso surgem temas fundamentais que precisam ser tratados quando afloram por meio de suas narrativas

⁸ A matéria foi elaborada com base na entrevista com Douglas Belchior e Dennis de Oliveira da Rede Peteca – Chega de Trabalho Infantil.

como: a exploração de mão de obra infantil e de adolescentes, a dificuldade de acesso à água e à educação no município.

Nossa intenção foi transmitir um pouco do que o público alvo do Projeto pôde vivenciar nas tardes das ações extensionistas. Nela conseguimos ver a espontaneidade e a vontade em relatar suas histórias, bem como as emoções de quem passou a narrar parte de suas trajetórias para todos os presentes.

Assim, retomo as narrativas de alguns idosos, em destaque três deles, que por serem negros e de classe subalterna, vivenciaram situações mais agravantes. A D. Eneida, retratou seu trabalho doméstico desde antes dos 11 anos de idade. O S. Nonato exprimiu saudosismo de sua escola ao relatar emocionado: “Eu tive que trabalhar para manter a minha vida em dia (...) Eu cancelei minha matrícula, abracei minha professora, chorei... e saí de porta afora... nunca mais voltei...”. E D. Eulália demonstrou o difícil percurso em direção à escola que muitos ribeirinhos enfrentavam na época em que estudavam: “todos vinham de canoa. Saíam 5 da manhã, para chegar aqui no porto do trapiche municipal 6 e meia, para entrar 7 horas na escola. E eles voltavam, quando saía, 12h remando, até chegar no Corcovado”.

Estas narrativas demonstram o reconhecimento de fases significativas em suas trajetórias e as formas com as quais procuravam enfrentar tudo que viveram. Muitos foram os aprendizados extraídos nestas ações extensionistas, a exemplo de instruir o bolsista sobre um novo modo se relacionar com os participantes do Projeto.

A História Oral, como uma das estratégias metodológicas, proporcionou uma reflexão sobre o momento das trocas com os interlocutores. Portelli (1996 e 1997), Bosi (1994) e Martinelli (1999) apresentam experiências ricas de estudos usando a oralidade, dentre suas observações, a autonomia do narrador deve ser respeitada, pois o interlocutor compreende e decide por si só o que pretende expor.

Nesse sentido, torna-se fundamental estabelecermos espaços de reflexões sobre a velhice e a valorização do idosos na garantia de seus direitos tanto à memória quanto à cultura na promoção de sociabilidades entre seus pares, uma vez que muitos são os preconceitos criados sobre o envelhecimento, ou o ser velho. Assim a intenção deste projeto foi de procurar ampliar uma imagem positiva sobre o envelhecer e tentar tornar visível as contribuições que os idosos têm para sociedade local em que residem. Seguiremos na busca por novos registros e novos diálogos, pois há muito que conhecer sobre o envelhecimento e trajetórias de vida dos cidadãos residentes no “Marajó das Florestas”⁹

⁹ Conceito debatido por SARRAF-PACHECO na sua dissertação de mestrado: “À Margem do Marajó: Memórias em Fronteiras na Nascente “Cidade- Floresta” Melgaço. DM. PUC- SP, 2004.

6 REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia da Letras. 3. Ed, 1994.

CHAUÍ, Marilena. “Prefácio”. BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia da Letras. 3. Ed, 1994.

HADDAD, Eneida G. de Macedo. **A Ideologia da Velhice**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

LEÃO, Dione do S. de S. **Revivendo Nossa História: um Estudo Sobre os Bairros de Breves-PA**. Belém: Poligráfica Serviços Ltda, 2009.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio**. São Paulo: Veras Editora, 1999.

PEIXOTO, Clarice. Entre o Estigma e a compaixão e os Termos Classificatórios: Velho, Velhote, Idoso, Terceira Idade.... in: Barros, M. M. L. de. (Org.) **Velhice ou Terceira Idade. Estudos antropológicos sobre Identidade, Memória e Política**. – 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, Interpretação e Significado nas Memórias e nas Fontes Orais, in: **Tempo**, Rio de Janeiro, 1 (2): 59-72, 1996.

VERÍSSIMO, A. Lima, E., e LENTINI, M. **Polos Madeireiros do Estado do Pará**. Belém: IMAZON. Disponível em <<http://www.imazon.org.br/publicacoes/livros/polos-madeireiros-do-estado-do-para-1>> Acesso em: 05/11/2014.

RIBEIRO, Bruna. **Mais de 60% das crianças que trabalham no Brasil são negras**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mais-de-60-das-criancas-que-trabalham-no-brasil-sao-negras/>> Acesso em: 20/06/2019.

SABOIA, Ana Lúcia. **As Meninas Empregadas Domésticas: Uma Caracterização Socioeconômica**. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1024/988>> Acesso em: 26/04/2018.

SARRAF-PACHECO, Agenor. “**À Margem do Marajó: Memórias em Fronteiras na Nascente “Cidade- Floresta” Melgaço**”. DM. PUC- SP, 2004.